

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea discute, como anuncia o próprio título, *a trajetória de jovens* sob os mais diversos aspectos, buscando analisar o significado social da juventude, seus sonhos, a importância atribuída à escola, as relações que aí se estabelecem, as atividades de cultura e lazer, e o poder disciplinar dessa instituição, assim como, a sexualidade e construção da identidade juvenil, e a transformação do espaço das ruas pelos jovens. O nosso intuito é contribuir com a discussão sobre a temática da juventude, buscando dar voz a esses jovens e de certa forma, *descristalizar* normas e padrões por vezes estabelecidos sobre o que é ser jovem ou como deve ser e agir o jovem socialmente, pois compreendemos que muitos são os trajetos e as construções desses atores.

Maria Nobre Damasceno apresenta o jovem como ator social, não apenas reelaborando saberes mas trazendo no seu cotidiano a busca por uma mudança social através da crítica, da transgressão e por vezes da criação. Discute a tematização da juventude através das correntes "*geracional*" e "*classista*", ressaltando a marca da 'inserção social incompleta' na vida dos jovens e a forma como estão se organizando nos grupos religiosos, no movimento Hip-Hop, contrariando a sua aparente e proclamada passividade. Por fim aponta a escola como um importante instrumento de formação, mesmo quando não privilegia a convivência entre esses jovens.

Celecina Veras investiga as "*expressões políticas e culturais da juventude nos anos 90*". Para tanto nos apresenta o discurso dos jovens em formas inovadoras de pensar e fazer política, enfocando que as organizações juvenis são espaços de encontro e diálogo, de devires e resistência. Destaca iniciativas que negam os processos de marginalização juvenis como o Movimento Hip-Hop através do RAP (rhythm and poetry), do break (dança de rua) e do grafite (expressão visual). Ao agruparem-se negam que estejam fora do mundo da política, pois o movimento possibilita o aprendizado de cuidar de si e do outro.

Kelma Matos analisa o significado da escola para os jovens, tomando por referência seus olhares, modos de pensar, sentir, agir, e suas palavras, a partir do resultado de "grupos de discussão" realizados com esses sujeitos em uma escola pública e outra privada. Além da opção de considerar as experiências e saberes dos jovens, a autora nos convida a percebê-los como interlocutores que dizem de si, e das suas múltiplas relações – em especial com a escola. Enfoca a juventude de forma positiva, demonstrando através dos depoimentos colhidos o equilíbrio com que avaliam a atual situação da escola pública e privada, ressaltando a falta de segurança nesses locais, num tempo em que a *banalização da morte* faz-se presente na sociedade em que vivem.

Janice Débora e **Susana Silva** abordam as relações juvenis entre pares, considerando ser este um fator fundamental na construção da sua iden-

tidade. A temática do lazer é evidenciada, pois compreendem que esse lazer faz-se principalmente na alegria de estarem juntos. A rua, em especial para os jovens que residem nas periferias, transforma-se em palco para atividades como: namoro, danças, esportes, conversas e reuniões. Buscam espaços em rádios comunitárias e através do Rap informam a realidade de exclusão e convidam outros jovens para o agrupamento, para a conversa, para dizer “não às drogas” e resgatar a sua auto-estima.

Luis Palhano tematiza sobre a sexualidade dos jovens através de seus discursos e manifestações, frente às orientações sexuais apresentadas por instituições sociais como: igreja, família e escola. Constata que o discurso expresso por esses atores contém três elementos distintos: amor, prazer e prevenção. Analisa, entre outras questões, que não há clareza na distinção entre sexo e sexualidade para eles, e que os discursos instituídos sobre normalidade e anormalidade proliferam no cotidiano desses sujeitos de forma sutil e determinante, deparando-se por vezes em atos violentos, ao invés da aceitação das diferenças.

Kleber Matos discute como a identidade juvenil vai sendo construída pelos meios de comunicação e mercado, priorizando a lógica da venda, da intensificação do consumo, anunciando que *“para garantir um futuro juvenil, nada melhor que o presente previdente”*. Assim, a juventude vai se tornando cada vez mais virtual na tenra idade e os seus sonhos e desejos vão sendo transportados para a velhice. A juventude anunciada nos comerciais ignora, de acordo com o autor, as sensibilidades dos jovens que vão além das identidades para eles moldadas e aciona e fortalece o mundo da exclusão *“Onde há sempre os de fora e os de dentro habitam apenas o tubo de imagem de TV”*.

José Gerardo Vasconcelos aborda a constituição da juventude no processo de emancipação, marcado pela disputa que se estabelece com as “máquinas” que adestram os seus corpos, e elegem a sexualidade como núcleo central do discurso ético. Compreende que o mundo da juventude está em construção. Isso possibilita a esquiva das interdições normalizadoras. Reflete, então sobre a transgressão, como elemento constituidor de subjetividades. O autor analisa ainda a escola como espaço de disciplina e, conseqüentemente, de interdição da sexualidade amparado no pensamento de M. Foucault.

Shara Jane apresenta-nos o resultado de suas reflexões sobre uma galera de jovens de rua proscritos, e nos fala de seus corpos dissolventes esclarecendo que *“um corpo dissolvente é aquele que cheira solvente (...) que se faz, desfaz e refaz a cada enfrentamento com a polícia, a piedade, a violência, enfim, a morte.”*Fala-nos como os jovens da rua instalam-se nesse espaço de forma dionisíaca, brincando, dançando, gritando, jogando, mudando a tragicidade de suas vidas embriagadas em grande espetáculo pelas calçadas e vias públicas.

Maria Nobre Damasceno

Kelma Socorro Lopes de Matos

José Gerardo Vasconcelos